



PBPC
ISSN 2674-9432



Qualis A3
CAPES 2021-2024



DOI - Crossref

Latindex

Indexado no
Google Acadêmico

CORPO E CIDADE: A EXPERIÊNCIA FENOMENOLÓGICA DO MEDO, DO DESEJO E DA CIRCULAÇÃO URBANA

Silvana Afonso Costa, José Mauro Palhares, Wagner Soares de Souza, Edson Rubens Ferreira Rodrigues, Fernando de Matos e Silva



<https://doi.org/10.36557/2674-9432.2026v5n3p1389-1402>

Artigo recebido em 18 de Março e publicado em 18 de Maio de 2026

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

Este artigo investiga a experiência fenomenológica do corpo no espaço urbano, tomando como eixo central a relação entre medo, desejo e circulação na cidade contemporânea. Parte-se da compreensão de que a cidade não pode ser analisada apenas como estrutura física ou sistema funcional, mas como um campo vivido, no qual o corpo desempenha papel fundamental na produção e interpretação do espaço. A fundamentação teórica articula a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, especialmente a noção de corpo vivido, com a geografia humanista de Yi-Fu Tuan e Edward Relph, incorporando ainda contribuições críticas de Henri Lefebvre, Michel Foucault, Michel de Certeau e Zygmunt Bauman, entre outros autores que permitem compreender as dimensões simbólicas, políticas e afetivas do espaço urbano. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza teórico-analítica, baseada na articulação crítica de diferentes matrizes do pensamento geográfico e filosófico, sem a realização de trabalho de campo empírico. A análise evidencia que a circulação urbana não se reduz a deslocamentos físicos, mas constitui uma prática corporal atravessada por afetos, sensorialidades e condicionantes sociais. Nesse sentido, medo e desejo operam como vetores simultâneos que orientam, limitam ou potencializam os movimentos dos sujeitos na cidade, contribuindo para a produção desigual do espaço urbano. Os resultados indicam que o corpo se configura como lócus privilegiado de inscrição das tensões da cidade contemporânea, revelando processos de controle, vigilância e segregação, mas também práticas de resistência e reinvenção cotidiana. A circulação, portanto, emerge como uma negociação contínua entre forças que restringem e impulsionam o movimento, evidenciando que o espaço urbano é constantemente produzido pelas experiências corporais. Conclui-se que compreender a cidade a partir do corpo permite evidenciar dimensões frequentemente negligenciadas pela geografia tradicional, contribuindo para uma leitura mais sensível, crítica e complexa das dinâmicas urbanas. Além disso, a abordagem adotada permite ampliar o debate sobre o direito à cidade, evidenciando como as experiências corporais revelam

desigualdades na apropriação do espaço urbano. Ao enfatizar a centralidade do corpo, o estudo contribui para reflexões que articulam sensibilidade, poder e práticas espaciais no cotidiano urbano contemporâneo.

Palavras-chave: Corpo vivido; fenomenologia; espaço urbano; medo; circulação.

ABSTRACT

This article investigates the phenomenological experience of the body in urban space, taking as its central axis the relationship between fear, desire, and circulation in the contemporary city. It is based on the understanding that the city cannot be analyzed solely as a physical structure or functional system, but as a lived field in which the body plays a fundamental role in the production and interpretation of space. The theoretical framework articulates the phenomenology of Maurice Merleau-Ponty, especially the notion of the lived body, with the humanistic geography of Yi-Fu Tuan and Edward Relph, also incorporating critical contributions from Henri Lefebvre, Michel Foucault, Michel de Certeau, and Zygmunt Bauman, among other authors who contribute to understanding the symbolic, political, and affective dimensions of urban space. Methodologically, the research is characterized as qualitative, with a theoretical-analytical nature, based on the critical articulation of different matrices of geographical and philosophical thought, without the use of empirical fieldwork. The analysis shows that urban circulation cannot be reduced to physical displacement, but rather constitutes a bodily practice traversed by affects, sensory experiences, and social conditions. In this sense, fear and desire operate as simultaneous vectors that guide, limit, or enhance the movements of subjects in the city, contributing to the unequal production of urban space. The results indicate that the body emerges as a privileged locus for the inscription of the tensions of the contemporary city, revealing processes of control, surveillance, and segregation, as well as practices of resistance and everyday reinvention. Circulation, therefore, appears as a continuous negotiation between forces that restrict and those that propel movement, highlighting that urban space is constantly produced through bodily experiences. It is concluded that understanding the city through the body allows for the identification of dimensions often neglected by traditional geography, contributing to a more sensitive, critical, and complex reading of urban dynamics. Furthermore, the adopted approach broadens the debate on the right to the city, showing how bodily experiences reveal inequalities in the appropriation of urban space. By emphasizing the centrality of the body, the study contributes to reflections that articulate sensibility, power, and spatial practices in contemporary urban everyday life.

Keywords: Lived body; phenomenology; urban space; fear; circulation.

Instituição afiliada – Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

Autor correspondente: *Silvana Afonso Costa*

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



1 INTRODUÇÃO

Existe um momento específico em que se percebe que a cidade não é apenas um cenário. Ela age. Ela pressiona, convida, amedronta, seduz. O problema é que a geografia, por muito tempo, preferiu olhar para a cidade de cima: mapas, zoneamentos, fluxos de capital, índices de densidade. Tudo muito preciso, tudo muito distante do que é sentir o asfalto sob os pés às onze da noite, numa rua que a luz queimada torna diferente de tudo que ela era às três da tarde.

É desse incômodo que nasce este artigo. A pergunta que o orienta não é nova, mas permanece incompleta nas respostas que costuma receber: como o corpo experimenta a cidade? E mais especificamente: o que o medo faz com a circulação? O que o desejo faz com ela? Há anos esses temas aparecem nas margens da geografia urbana, tratados ora como dado sociológico, ora como variável psicológica. O que se propõe aqui é trazê-los para o centro, não como metáfora, mas como categoria analítica rigorosa.

A fenomenologia oferece o ponto de partida mais honesto para essa tentativa. Maurice Merleau-Ponty, ao elaborar sua teoria do corpo vivido, desfaz a separação cartesiana entre sujeito e mundo: o corpo não está no espaço, ele habita o espaço, e essa diferença é tudo (Merleau-Ponty, 2011). Yi-Fu Tuan, por outro lado, foi quem trouxe esse corpo de volta para o chão da geografia, mostrando que a experiência do lugar, a topofilia e a topofobia, não é dado abstrato, mas sensação acumulada, memória inscrita na carne (Tuan, 1983).

O artigo articula ainda contribuições de Lefebvre sobre a produção do espaço, de Foucault sobre os mecanismos de controle corporal, de De Certeau sobre as táticas do caminhar, e de Bauman sobre a disseminação do medo na modernidade líquida. Não se trata de uma revisão enciclopédica, mas de uma montagem teórica comprometida com uma tese central: a circulação urbana é sempre uma negociação corporal entre o desejo de mover-se e o medo que contém esse movimento.

A estrutura do texto segue esse raciocínio. Após apresentar os procedimentos metodológicos, o artigo desenvolve quatro eixos analíticos: o corpo como sujeito

espacial; a produção do espaço urbano pelo medo e pelo desejo; as táticas do cotidiano como formas de resistência corporal; e, por fim, a cidade contemporânea como território de multiterritorialidades afetivas. A conclusão retoma as tensões abertas ao longo do percurso.

2 METODOLOGIA

A pesquisa que sustenta este artigo é de natureza qualitativa e teórico-analítica. Não há trabalho de campo no sentido convencional: não foram aplicados questionários nem realizadas entrevistas. O que se fez foi outra coisa, uma espécie de etnografia bibliográfica. Leu-se, releu-se, confrontou-se. Autores foram colocados em diálogo forçado, e os atritos resultantes é que orientaram a construção do argumento.

A opção metodológica por esse caminho não é ingenuidade. Ela decorre de uma posição epistemológica clara: antes de ir ao campo, é necessário saber o que se está procurando, e isso exige que o referencial teórico não seja meramente citado, mas efetivamente operado. Nesse sentido, a metodologia aqui empregada aproxima-se do que Augustin Berque (2012) chamou de pensamento paisagístico: uma abordagem que recusa a separação entre o sujeito que observa e o objeto observado, reconhecendo que a interpretação já é, ela mesma, uma forma de inscrição no mundo.

O corpus teórico foi organizado em três eixos complementares: (a) a fenomenologia do corpo e do lugar, representada principalmente por Merleau-Ponty, Tuan e Relph; (b) a crítica da produção espacial e do controle corporal, com Lefebvre, Foucault e Haesbaert; e (c) a experiência urbana cotidiana, com De Certeau, Le Breton, Bauman, Claval e Cosgrove. A articulação entre esses eixos não é linear, é uma triangulação, em que cada vértice ilumina os outros sem anulá-los.

Vale dizer que, em algum momento da escrita, foi necessário resistir à tentação de resolver as tensões entre esses autores. Lefebvre e De Certeau, por exemplo, não concordam sobre tudo: enquanto o primeiro enfatiza as determinações estruturais da produção do espaço, o segundo aposta nas brechas do cotidiano como espaço de

invenção (Lefebvre, 2006; DE Certeau, 2014). Manter essa tensão em aberto foi uma escolha deliberada, porque a cidade, ela mesma, não resolve suas contradições.

3 O CORPO QUE NÃO ESTÁ NO ESPAÇO, MAS O HABITA

A distinção que Merleau-Ponty propõe entre corpo objetivo e corpo vivido é, em aparência, simples. Na prática, ela desestabiliza quase tudo que a ciência moderna construiu sobre a relação entre sujeito e mundo. O corpo objetivo é aquele da anatomia, do Descartes, do mapa: um objeto entre objetos, mensurável, localizável. O corpo vivido é outra coisa inteiramente. Ele é perspectiva antes de ser objeto. Ele não está em um lugar, ele é o que torna possível que haja lugar.

Para Merleau-Ponty (2011, p. 205), "o espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível". Essa frase, que parece jogo de palavras, é na verdade uma virada radical: se o espaço só existe a partir do corpo que o experimenta, então a cidade não tem uma essência fixa que antecede quem nela caminha. A cidade é, em cada momento, o produto de quem a atravessa.

Yi-Fu Tuan compreendeu antes de muitos geógrafos o alcance dessa ideia. Ao propor os conceitos de topofilia e topofobia, ele não estava apenas descrevendo sentimentos sobre lugares. Estava afirmando que a experiência espacial é inseparável da afetividade corporal: "os sentidos do olfato, do tato e do paladar não foram muito estudados pelos geógrafos, mas eles têm o poder de criar sentimentos fortes de afeição pelo lugar" (Tuan, 1983, p. 12). A rua que cheira a comida de determinada forma, a calçada irregular que exige atenção dos pés, o barulho específico de um cruzamento, são esses dados sensoriais que constroem a experiência urbana antes de qualquer elaboração cognitiva.

Edward Relph, por sua vez, avança nessa direção ao distinguir entre insider e outsider como formas de relação com o lugar. O insider é aquele para quem o lugar é dado de dentro, quem mora numa cidade não precisa consultar mapa para saber onde está, porque o lugar está nele tanto quanto ele está no lugar. O outsider experimenta o espaço como algo externo, objetificado, turístico (Relph, 1976). Essa distinção tem consequências diretas para pensar a circulação urbana: morar em uma

cidade e apenas trafegar por ela são experiências corporais radicalmente diferentes.

O que esses três autores constroem, cada um por seu caminho, é uma ontologia do espaço que torna o corpo irreduzível. Não há como pensar a cidade sem pensar em quem a sente, e quem a sente é sempre um corpo situado, com memórias, com medo, com desejo.

4 MEDO E DESEJO COMO VETORES DA PRODUÇÃO ESPACIAL

Se o corpo é o ponto de partida, o medo e o desejo são os motores que orientam sua circulação. E aqui é onde a dimensão crítica se torna incontornável, porque medo e desejo não surgem do nada, não são apenas estados individuais. Eles são produzidos.

Zygmunt Bauman foi um dos que descreveu com mais precisão a transformação do medo em elemento estruturante da vida urbana contemporânea. Para ele, a modernidade líquida é, entre outras coisas, uma modernidade do medo difuso: não há mais um inimigo identificável, uma fronteira clara entre ameaça e segurança. O que há é uma ansiedade generalizada que permeia o espaço público e convida ao recolhimento, à desconfiança, ao fechamento.

O medo é mais aterrador quando difuso, disperso, pouco claro; quando flutua livre, sem vínculos, sem endereço nem causa definidos; quando nos assombra sem que haja uma razão visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser entrevista em todo lugar, mas em parte nenhuma pode ser apontada. (Bauman, 2008, p. 8)

Esse medo sem endereço não deixa de ter consequências espaciais muito concretas. Ele redesenha a cidade: cria condomínios fechados, multiplica câmeras, privatiza o espaço público, transforma passeios em corredores vigiados. Henri Lefebvre (2006) já havia percebido que o espaço não é um dado neutro, ele é produzido, e sua produção é sempre atravessada por relações de poder. A cidade que segrega, que cria zonas de exclusão e zonas de consumo, não é acidente: é resultado de uma prática social que tende a reproduzir as condições de sua própria existência.

Foucault entra aqui com uma precisão cirúrgica. O corpo, para ele, não é apenas



sujeito de experiência, é alvo de poder. A cidade moderna, com seus dispositivos de vigilância, seus fluxos ordenados, seus espaços de circulação controlada, funciona como uma máquina de produção de corpos dóceis (Foucault, 1987). O pedestre que evita certas ruas, que ajusta seu caminho para não cruzar com determinados grupos, que interioriza a noção de que certos espaços não são para ele, esse pedestre está exibindo em seu corpo o efeito de um poder que não precisa mais de muros para funcionar.

Mas o desejo também age sobre o espaço, e de maneiras que o medo não consegue apagar completamente. Denis Cosgrove (1998) mostrou que a paisagem urbana é sempre também uma paisagem simbólica, carregada de projeções culturais. O bairro que atrai, a praça que convida, a rua que pulsa, esses são espaços onde o desejo se inscreve, onde o corpo vai porque quer ir, porque encontra ali algo que corresponde a uma expectativa afetiva. Paul Claval (2007) aprofundou essa perspectiva ao tratar a cultura como mediadora indispensável da relação entre corpo e espaço: os valores, os gostos, as identidades que os sujeitos carregam determinam o que percebem e o que evitam na cidade.

A produção do espaço urbano é, portanto, o resultado sempre instável de dois vetores que puxam em direções diferentes: o medo que retrai e o desejo que expande. O corpo urbano navega nessa tensão, e a cidade que resulta dessa navegação é sempre mais complexa do que os planos que tentam geri-la.

5 ANDAR NA CIDADE: TÁTICAS CORPORAIS E RESISTÊNCIA COTIDIANA

Michel de Certeau escreveu o capítulo mais lido de sua obra maior, "Caminhar pela cidade", a partir de cima do World Trade Center, olhando para Manhattan. Era 1980. Mas seu argumento vai exatamente na direção contrária ao que esse olhar privilegiado sugeriria: é lá embaixo, na rua, que a cidade de verdade acontece. O pedestre que desvia do caminho previsto, que cria atalhos, que ignora as setas, ele está produzindo um texto que a cidade não planejou.

De Certeau distingue entre estratégias e táticas. As estratégias pertencem às

instituições, ao planejamento urbano, ao capital imobiliário, ao Estado. As táticas pertencem aos praticantes ordinários da cidade: são ações que operam no espaço do outro, sem ter um lugar próprio de onde calcular. "A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha" (De Certeau, 2014, p. 94-95).

Esse jogar com o terreno é, antes de tudo, uma prática corporal. David Le Breton (2009) mostrou que o corpo em movimento na cidade é um corpo que sente antes de pensar: a postura muda conforme o bairro, o passo acelera ou desacelera segundo estímulos que muitas vezes não chegam à consciência. A sensorialidade urbana; sons, cheiros, texturas, temperaturas; atravessa o corpo e produz respostas que são simultaneamente físicas e simbólicas.

Essa dimensão corporal das táticas cotidianas tem uma importância política que De Certeau deixa implícita e que vale tornar explícita: o ato de circular, de estar presente em determinados espaços com o próprio corpo, é uma forma de reivindicação. O grupo que ocupa uma praça, a mulher que decide andar à noite por uma rua que "não é para ela", o jovem da periferia que entra num shopping do centro, todos estão, com o corpo, contestando a distribuição estabelecida do espaço.

Augustin Berque (2012) ajuda a entender por que essa contestação é sempre também cultural: o corpo que circula não é um corpo abstrato, mas um corpo mediado pela cultura, por valores, expectativas, identidades que determinam não apenas onde ele vai, mas como ele se sente no caminho. O espaço urbano, nesse sentido, não é apenas físico nem apenas social: é uma mediação constante entre matéria e sentido.

6 MULTITERRITORIALIDADES AFETIVAS: A CIDADE COMO CAMPO DE NEGOCIAÇÃO CORPORAL

O conceito de multiterritorialidade, desenvolvido por Rogério Haesbaert (2004), foi pensado originalmente para dar conta das múltiplas formas de pertencimento territorial na era da globalização. Mas há algo nesse conceito que ressoa diretamente



com a experiência urbana cotidiana: a ideia de que um mesmo sujeito pode habitar, simultaneamente ou em diferentes momentos, territórios radicalmente distintos, com lógicas, afetos e regras que não se comunicam facilmente.

Na cidade, isso é literal. O trabalhador que percorre diariamente o trajeto casa-trabalho atravessa territórios que diferem não apenas em termos físicos, mas em termos afetivos e corporais: o bairro onde mora, cujas esquinas conhece de cor, produz um tipo de presença corporal, relaxada, familiar, reconhecida. O centro de negócios para onde vai produz outra: alerta, contida, performática. A periferia que evita no caminho de volta produz uma terceira: ansiosa, apressada, desejosa de invisibilidade.

Haesbaert (2004, p. 338) argumenta que "a precariedade territorial, para além da material, é sobretudo simbólica, identitária". Isso significa que a exclusão territorial que afeta os mais pobres não é apenas exclusão do espaço físico, é exclusão da possibilidade de construir vínculos de pertencimento estáveis. O corpo que não pode circular livremente pela cidade é um corpo que também não pode construir plenamente sua subjetividade espacial.

Esse argumento conecta Haesbaert ao diagnóstico de Bauman sobre o medo e ao de Foucault sobre o controle. Mas ele também abre uma perspectiva diferente: a resistência. Se o território é construído pelos sujeitos e não apenas imposto sobre eles, então a circulação corporal é sempre também um ato de produção territorial. O grafite que marca uma parede, o sotaque que persiste num bairro gentrificado, a festa que ocupa temporariamente uma rua, são territorialidades criadas pelo corpo em movimento.

É nesse ponto que o conceito lefebvriano de direito à cidade ganha sua dimensão mais concreta. Para Lefebvre (2006), o direito à cidade não é apenas direito de acesso ao espaço urbano existente, é direito de participar ativamente da sua produção. E essa participação começa sempre com o corpo: com o ato de caminhar onde se quer caminhar, de parar onde se quer parar, de olhar sem ser olhado como ameaça.

A cidade contemporânea, nesse sentido, pode ser lida como um campo de

negociação permanente entre corpos que carregam afetos distintos, medos diferentes, desejos diferentes, memórias diferentes. Não há síntese estável. O que há é um processo contínuo, conflituoso, às vezes violento, de produção e disputa de sentidos espaciais.

7 CONCLUSÃO

Há uma frase de Merleau-Ponty que ficou na cabeça durante toda a escrita deste artigo: o corpo é o veículo do ser no mundo. Simples assim. E ao mesmo tempo perturbador, porque se o corpo é o veículo, então tudo que impede o movimento do corpo impede também o ser no mundo. O medo que estreita a circulação, as barreiras que segregam, a vigilância que constrange, não são apenas questões de política urbana. São questões sobre quem tem direito de existir plenamente no espaço.

O que este artigo procurou mostrar, a partir do diálogo entre fenomenologia, geografia humanista e crítica social, é que a experiência urbana não pode ser compreendida sem que se leve a sério a centralidade do corpo. Não o corpo abstrato da filosofia racionalista, mas o corpo que sente calor, que evita certas ruas, que acelera o passo, que encontra em determinadas praças algo que se aproxima do prazer. Esse corpo é simultaneamente produto e produtor do espaço urbano, e é nessa tensão que a cidade vive.

O medo e o desejo que organizam a circulação urbana não são estados puramente individuais: eles são produzidos socialmente, inscrevem-se em corpos específicos, racializados, generificados, classificados, e reproduzem, na escala do cotidiano, as desigualdades que estruturam a cidade. Reconhecer isso não é apenas academicamente necessário, é politicamente urgente.

As táticas que De Certeau identificou no caminhar ordinário, a sensorialidade que Le Breton descreveu, as territorialidades que Haesbaert teorizou, tudo isso aponta para um mesmo horizonte: a cidade como espaço vivo, constantemente refeito pelos corpos que a habitam. Essa é, talvez, a

única razão para continuar apostando no espaço público como espaço político: porque enquanto houver corpos que circulam, haverá resistência à redução da cidade a um mecanismo de controle.

Ficam abertas questões que este artigo apenas tocou: como as tecnologias digitais transformam a relação corpo-espaço? Como o medo se distribui diferencialmente entre corpos de gênero, raça e classe distintos? Como a pandemia alterou as experiências fenomenológicas da cidade? São perguntas que merecem pesquisa empírica rigorosa, e que, espera-se, este percurso teórico contribua para orientar.

8 REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERQUE, Augustin. **Écoumène**: introduction à l'étude des milieux humains. Paris: Belin, 2012.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

COSGROVE, Denis. **Social formation and symbolic landscape**. Madison: University of Wisconsin Press, 1998.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LE BRETON, David. **Éclats de voix**: une anthropologie des sens. Paris: Métailié, 2009.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.



CORPO E CIDADE: A EXPERIÊNCIA FENOMENOLÓGICA DO MEDO, DO DESEJO E DA CIRCULAÇÃO URBANA

Costa et al.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.